

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Baixou o desespero

Com o ex-banqueiro Daniel Vorcaro caminhando a passos largos para uma delação, o mundo político entrou em polvorosa. É que essa turma é a mais visada em qualquer cenário. E, para completar, ainda veio a prorrogação por 60 dias do inquérito em curso na Polícia Federal. Logo, quando terminar toda a apuração, a janela partidária estará fechada.

Uma digital de Flávio

Excelências da base governista consideram que a votação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) do fim da escala 6x1 será definida pela posição do senador Flávio Bolsonaro, pré-candidato ao Planalto. A avaliação é de que, se Flávio for favorável, vota-se mais rápido. Se ele for contra, partidos de oposição e de centro seguram a PEC até quando der.

Expectativas

O Tribunal de Contas da União (TCU) enviou os documentos referentes ao BRB e ao Banco Master para a Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado. Agora, os membros precisarão analisar os arquivos para saber o que é ou não sigiloso. Das sete pastas compactadas, quatro delas não têm documentos sigilosos, incluindo o relatório preliminar relativo ao BRB, do Banco Central. Agora, a CAE espera entender como tudo se desenrolou, identificar os gargalos e os nomes ligados à fraude.

PL trabalha para "amarrar" partidos



O PL, do ex-presidente Jair Bolsonaro, adotou uma nova estratégia para a campanha de deputados estaduais e federais. Na intenção de obter apoio formal de partidos nos estados para os seus candidatos majoritários, em especial, para a Presidência da República, a legenda está cedendo para outras agremiações alguns nomes que são bons de voto — mas não seus puxadores principais. É que, com a restrição ao número de candidatos que um partido pode lançar (a quantidade de vagas, mais um), há muitas siglas com “engarrafamento” em alguns estados.

O PL não adota essa atitude por bondade. O objetivo é garantir que os filiados façam campanha para Flávio Bolsonaro. E, ainda que os partidos não fechem o apoio formal ao senador, a turma simpática ao PL nos estados ajudará na base. No Rio Grande do Sul, a ideia é fazer essa parceria com o Podemos, e, em Santa Catarina, com Novo e Republicanos.

CURTIDAS

Faca de dois gumes/ Com a redução da taxa Selic em 0,25%, parlamentares tiveram olhares diversos sobre essa decisão. Alguns acharam “descalibrada”, principalmente por causa do contexto atual, de alta de preço dos combustíveis e da guerra no Golfo.

Faca de dois gumes II/ Porém, manter os juros no patamar de 15% seria incentivar ainda mais as recuperações judiciais e a baixa atividade econômica, o que traz efeitos mais “desastrosos”. A avaliação é de que essa redução na Selic será positiva, uma vez que a equipe econômica deverá usar os juros mais baixos para validar as medidas adotadas nos últimos meses.

Quem já foi rei.../ A festa de 80 anos do ex-deputado e ex-ministro José Dirceu (foto) foi uma demonstração de que ele continua dando as cartas no PT. Fila para entrar e um discurso forte em defesa da soberania nacional, dando o tom do que virá na campanha de Lula pela reeleição.



Misericórdia/Ministério da Justiça

Passa lá em casa/ Embora esteja disposta a colaborar com as investigações do caso Master, a ex-noiva do ex-banqueiro Daniel Vorcaro não planeja prestar depoimento presencial a comissões parlamentares de inquérito. A contar pela entrevista do advogado Lucio de Constantino, que atende Martha Graeff, à CNN, sua cliente foi vítima de uma exposição “agressiva, imprudente” e foi “maculada pelo Estado brasileiro”.

A aula de Cármen/ A ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal, foi para lá de direta em palestra no evento da Associação Nacional dos Funcionários do Banco do Brasil (ANABB) sobre os direitos das mulheres. Eis algumas de suas frases: “Quando uma de nós é violentada, todas somos também. É preciso que essa sensibilidade nos atinja. Se não for por solidariedade, por egoísmo. Isso pode acontecer na sua casa, com a sua filha”; “uma sociedade na qual mulheres são assassinadas todos os dias só por serem mulheres é o testemunho de que estamos longe de termos igualdade”; “não há democracia plena, efetiva, eficaz, forte quando mais da metade da população não pode ter acesso a iguais oportunidades para chegar a cargos particulares, públicos ou de direção”; “nós precisamos reinventar essa sociedade preconceituosa e sexista. E isso não se faz por decreto, isso é uma construção permanente”.

PODER

Oposição exige que Erika saia

Direita bolsonarista faz protesto contra deputada trans ter sido eleita para presidência da Comissão dos Direitos da Mulher

» WAL LIMA

Deputadas da oposição bolsonarista na Câmara dos Deputados fizeram, ontem, uma manifestação contra a permanência da deputada Erika Hilton (PSol-SP) à frente da Comissão dos Direitos da Mulher. O grupo contesta o processo de eleição que a elegeu, afirma que houve irregularidades regimentais na votação e pede a renúncia da parlamentar trans da função.

O principal questionamento das opositoristas, conforme salientou a deputada Carla Dikson (União-RN) na manifestação, recai sobre o resultado do primeiro escrutínio, quando Erika teria recebido 12 votos em branco. Conforme afirmou, isso configuraria derrota na disputa, o que, na avaliação das parlamentares conservadoras, impediria a realização de um segundo turno — etapa que garantiu a eleição da deputada do PSol.

Ouvida pelo **Correio**, a deputada Júlia Zanatta (PL-SC) criticou a condução da presidência por Erika. “Nós fizemos representação no Conselho de Ética. O Novo fez, o Missão fez, eu fiz, outros gabinetes fizeram. Também apresentamos recurso porque consideramos que a eleição não foi legítima. Ela teve 12 votos em branco no primeiro escrutínio. Então, perdeu a eleição e, ainda assim, houve um segundo escrutínio, o que não tem amparo no regimento”, afirmou.

Zanatta também acusou Erika de restringir o debate dentro do colegiado. Conforme disse, requerimentos apresentados pela oposição não chegaram sequer a serem analisados. “Hoje (ontem), ela sequer recebeu nossos requerimentos extrapauta, sob a argumentação de que seriam discriminatórios. Eu propus uma audiência pública para dar voz a mulheres que dizem ter sido perseguidas por ela, inclusive

mulheres de esquerda. Tudo vira processo, tudo vira acusação. Não dá para debater assim”, lamentou.

Zanatta ainda criticou o que chamou de imposição de visão ideológica no comando do colegiado. “Ela quer impor uma visão de mundo aos outros e qualquer discordância é tratada como transfobia. Isso inviabiliza um ambiente democrático e esvazia o objetivo principal da comissão, que é discutir políticas públicas para as mulheres”, observou.

Na cerimônia de inauguração da Sala Lilás na Câmara dos Deputados — ambiente criado para acolher servidoras da Casa vítimas de violência —, Erika comentou com o **Correio** sobre os ataques que vem sofrendo por ter sido escolhida como presidente da Comissão dos Direitos da Mulher. Ela ressaltou que identidade de gênero não limita à capacidade de representação.

“O ‘ser mulher’ não é apenas biológico. É social, cultural e político. Temos condições de debater todas as pautas que envolvem a vida das mulheres”, afirmou.

Erika também afirmou que a ampliação da presença de mulheres — incluindo as mulheres trans — em espaços de poder ainda enfrenta resistência dentro do Parlamento e classificou como preconceituosas as críticas à sua atuação no comando do colegiado. Segundo a deputada, o debate sobre representatividade tem sido atravessado por tentativas de deslegitimação.

“O que vemos é o discurso biológico sendo usado para encobrir ódio, preconceito e discriminação”, criticou.

Segundo Erika, a presença de mulheres trans em postos de liderança provoca reação por romper com estruturas históricas. “Quando ocupamos esses espaços, isso incomoda porque quebra uma lógica de desigualdade que sempre nos colocou à margem”, disse.

Wal Lima/CB/D.A Press



Bolsonaristas não aceitam que Erika, uma mulher trans, esteja à frente da comissão que deve representar a todas

Cármen denuncia ameaça de morte

» IAGO MAC CORD

A ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal, disse ontem ter recebido uma notificação de que uma bomba teria sido enviada com o objetivo de matá-la. O relato foi feito publicamente na aula magna “Sem mulheres não há democracia”, no Centro Universitário de Brasília (Ceub), onde a magistrada discursava sobre direitos das mulheres e violência política de gênero.

“Vindo para cá, comunicaram-me que mandaram uma bomba para me matar. Estou no meio de estudantes. Todos viram meus

advogados em dois minutos. Pior para quem mandar. Melhor não mandar. E nem sei se é fato. Sei que foi noticiado e que estão me ligando. Estou vivíssima, cada vez mais”, desafiou.

A ministra, porém, não especificou ter sofrido ontem a ameaça. Disse somente que foi notificada e não deu maiores detalhes sobre quem a comunicou do episódio.

A proteção de magistrados da Corte é executada por policiais judiciais, profissionais especializados na segurança das autoridades, das instalações do Tribunal e na atuação em situações de risco. As medidas foram intensificadas após

os ataques golpistas de 2023, devido ao aumento de ameaças diretas aos integrantes do Supremo.

A presença de Cármen no Ceub serviu para debater a violência política de gênero, que ela classificou como uma “ferida” que pode levar à “septicemia” do corpo político. “O discurso contra nós é sempre sexista e desmoralizante. Contra o homem, dizem que é um mau administrador ou que participou de algum conchavo. Contra nós, as referências são sempre sexuais e sempre atingem, além de nós, nossas famílias”, lamentou.

Presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Cármen

apresentou dados e críticas ao sistema eleitoral, como fraudes em cotas. Segundo a ministra, desde o fim das eleições municipais de 2024, o maior volume de processos no TSE se refere a fraudes à cota obrigatória de 30% para financiamento de candidaturas femininas.

Partidos usam nomes de mulheres para simular o cumprimento da lei, sem oferecer estrutura ou financiamento real, lamentou a ministra. Para Cármen, “a ética da igualdade passa pela participação de todas as pessoas, mulheres e homens, para que a gente tenha um consenso político que seja verdadeiramente democrático”.



O 'ser mulher' não é apenas biológico. É social, cultural e político. Temos condições de debater todas as pautas que envolvem a vida das mulheres"

Deputada Erika Hilton (PSol-SP)